

CRISTHIANE CARVALHO TELES

DIAGNÓSTICO DE GESTÃO: BRILASA S/A

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BELÉM – 2003**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS
DISCIPLINA: ANÁLISE DOS DEMONSTRATIVOS CONTÁBEIS II
PROFESSOR: HÉBER LAVOR MOREIRA
ALUNO: CRISTHIANE CARVALHO TELES
NÚMERO DE MATRÍCULA: 0001005101
DATA: 02/06/2003

DIAGNÓSTICO DE GESTÃO: BRILASA S/A

Trabalho acadêmico apresentado à Universidade Federal do Pará, como requisito para avaliação do I CPC da disciplina Análise dos Demonstrativos Contábeis II, orientado pelo professor Héber Lavor Moreira.

JUNHO - 2003

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
I- ANÁLISE DA CAPACIDADE DE PAGAMENTO.....	5
II- AVALIAÇÃO DO EMPREENDIMENTO À LUZ DOS INDICADORES DE ATIVIDADES 8	
III- ANÁLISE DO NÍVEL DE ENDIVIDAMENTO.....	10
IV- ESTUDO DA RENTABILIDADE E VIABILIDADE ECONÔMICA DO NEGÓCIO.....	12
V- ESTUDO DO FATOR DE INSOLVÊNCIA.....	14
VI- ESTUDO RELACIONANDO OS INDICADORES ESTÁTICOS, DINÂMICOS E DE VELOCIDADE.....	16
VII- ANÁLISE DO DESEQUILÍBRIO ECONÔMICO-FINANCEIRO (OVERTRADING)	17
VIII – ANÁLISE DA POSIÇÃO DA EMPRESA NO EBITDA	18
IX- ASPECTOS POSITIVOS DAS ESTRATÉGIAS DE GESTÃO ADOTADAS PELOS EMPRESÁRIOS	19
X- ASPECTOS NEGATIVOS VERIFICADOS NA ADMINISTRAÇÃO DO NEGÓCIO.....	20
XI- SUGESTÕES AOS EMPRESÁRIOS.....	20
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	21
ANEXOS	22

INTRODUÇÃO

Este trabalho refere-se ao estudo da situação econômico-financeira da empresa BRILASA S/A, através do exame da decomposição de suas demonstrações (mais precisamente do Balanço Patrimonial e Demonstração do Resultado do Exercício) e do relacionamento destes entre si, objetivando uma comparação entre certos períodos (neste caso 2001 e 2002), com a finalidade de emitir um diagnóstico de gestão que exponha uma situação evolutiva dentro dos períodos estudados, bem como dos elementos que compõem o patrimônio, observando se as decisões e medidas adotadas por seus administradores têm trazido resultados positivos ou necessitam de ajustes.

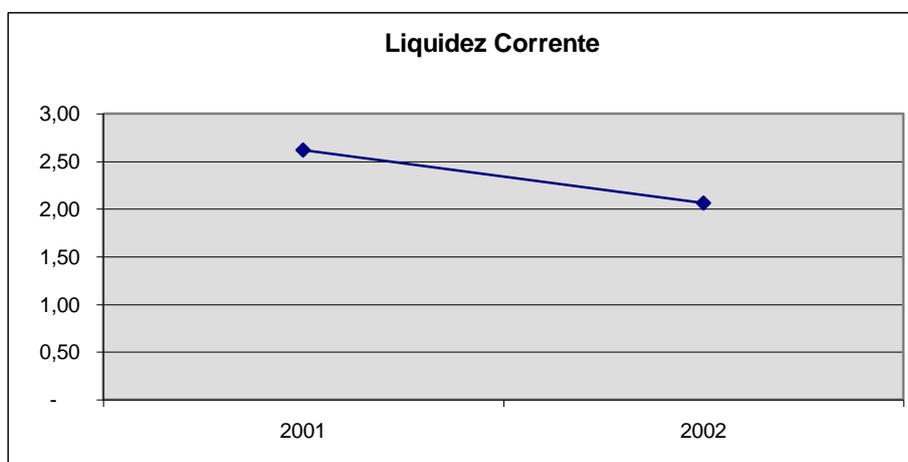
Desta forma, iremos observar e confrontar os elementos patrimoniais dessa empresa, visando o conhecimento minucioso de sua composição qualitativa e de sua expressão quantitativa, de modo a revelar os fatores e pontos críticos, antecedentes e determinantes da situação atual e, também, servir de ponto de partida para delinear o comportamento administrativo futuro, à medida que permite, de imediato, um esboço das prioridades para a solução de problemas. Essa observação minuciosa é de fundamental importância para processo de tomada de decisão.

I- ANÁLISE DA CAPACIDADE DE PAGAMENTO

A empresa, utilizando os **Indicadores de Liquidez** para obter resultados relevantes sobre a real capacidade em satisfazer seus compromissos para com terceiros vem, por meio deste **Diagnóstico de Gestão** enfatizar, de maneira objetiva e com base matemática, dados que revelem o quanto a empresa dispõe de recursos para honrar suas dívidas a Curto Prazo (**Liquidez Corrente e Liquidez Seca**), a Longo Prazo (**Liquidez Geral**) ou em Prazo Imediato (**Liquidez Imediata**). Diante do exposto, quanto maior a liquidez, melhor será a Situação Financeira da empresa.

Assim, tendo a empresa obtido acréscimo no Ativo Circulante que em 2001 era de R\$ 2.077.917,43 e passou para R\$ 2.353.031,21 em 2002 (situação que, se vista isoladamente é aparentemente boa) e um Passivo Circulante de R\$ 791.918,88 em 2001 e R\$ 1.141.904,79 em 2002, se dividirmos o AC pelo PC encontramos um **Índice de Liquidez Corrente** igual a 2,62 em 2001 e 2,06 em 2002, ou seja, para cada 1,00 de obrigações (Passivo) há 2,62 e 2,06 de AC (dinheiro + valores que se transformarão em dinheiro). Após tais informações verificamos que a empresa apresentou um decréscimo de 0,56% na **Liquidez Corrente** de um período para outro, embora esta situação seja ainda considerada financeiramente positiva. Os dados foram obtidos através da seguinte tabela:

Liquidez Corrente	2001	2002
LC = AC/PC	<u>2.077.917,43</u>	<u>2.353.031,21</u>
	791.918,88	1.141.904,79
	2,62	2,06



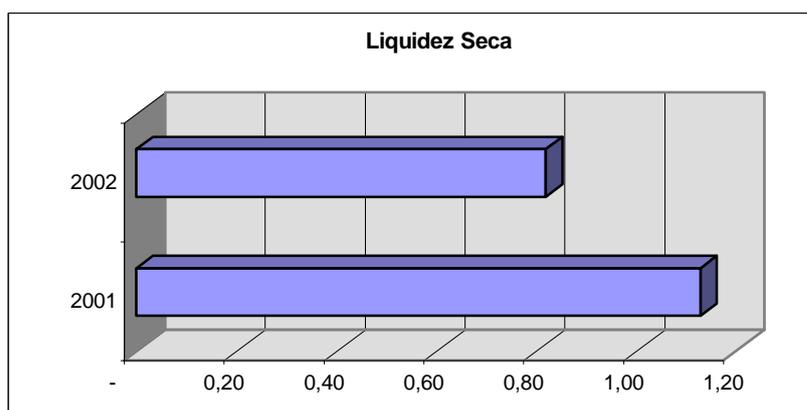
Vale lembrar que, embora esse indicador (LC) tenha evidenciado considerável queda na Capacidade de Pagamento, é bem verdade que a empresa ainda dispõe de recursos para saldar seus compromissos a Curto Prazo. Fator significativo para essa queda de liquidez foi a evolução desenfreada do PC (Capital Alheio) de 2001 para 2002, contraindo-se dividas num ritmo superior ao AC, em termos percentuais.

Por outro lado, considerando os aspectos implícitos no índice já calculado, a empresa deve atentar para uma variável de extrema importância: embora 2,06 não seja um índice deficiente, o AC é constituído basicamente de Estoques, tornando mais lenta a conversão deste em dinheiro, trazendo problemas de ordem financeira para a empresa a Curto Prazo.

A situação acima exposta será melhor entendida na análise da **Liquidez Seca** que, excluindo os Estoques (estes apresentando valores elevados, portanto bons para a LC em detrimento da LS), demonstra de forma mais rígida a capacidade da empresa em honrar as obrigações para com terceiros. Esse índice é bastante conservador para que se possa apreciar a Situação Financeira da empresa, haja vista que, eliminando-se os Estoques, detectou-se considerável redução nessa capacidade.

Portanto, há uma preocupação com a regressão de 0,31% no índice acima, pois índices inferiores a 1 são, de maneira geral, considerados negativos e, para uma industria 0,82 é visto como índice deficiente. Dados obtidos através da tabela abaixo:

Liquidez Seca	2001	2002
LS = AC-Est./PC	<u>898.773,69</u>	<u>937.796,42</u>
	791.918,88	1.141.904,79
	1,13	0,82



Agora passaremos a avaliar a Situação Financeira a Longo Prazo, ou seja, se há recursos disponíveis na empresa para saldar seus compromissos, agora, a Longo Prazo. A avaliação pode ser feita através do **Índice de Liquidez Geral**.

Utilizando a Liquidez Geral para mostrar a capacidade de pagamento da empresa a Longo Prazo, considerando tudo o que se converterá em dinheiro, e relacionando com tudo o que a empresa já assumiu como dívida (a Curto e Longo Prazo), temos o seguinte esboço demonstrado através da tabela:

Liquidez Geral	2001	2002
LG = AC+ARLP/PC+PELP	<u>2.266.411,45</u>	<u>2.541.525,23</u>
	14.987.918,36	17.393.797,03
	0,15	0,15

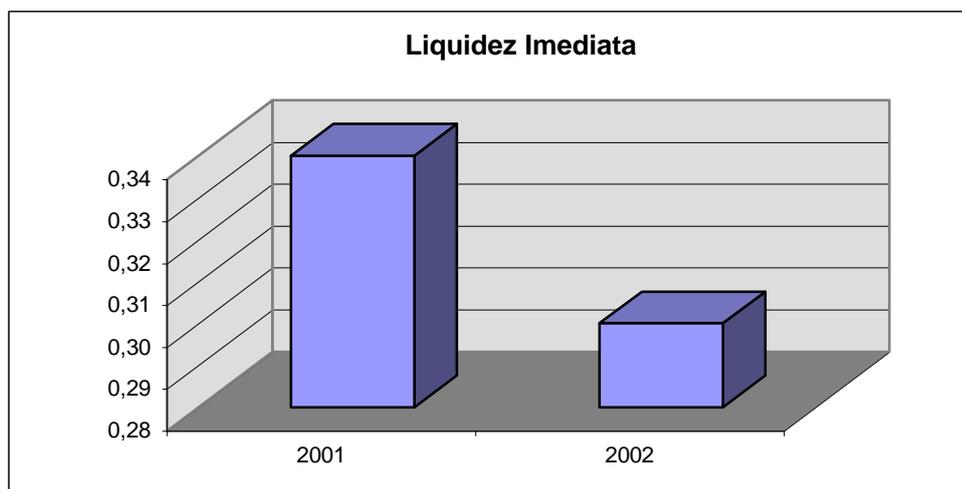
Embora esse índice tenha se mantido estável, na análise dos dois períodos 0,15 é um indicador desprezível, representa que a empresa precisa desenvolver Estratégias de Gestão de menor dependência ao Capital Alheio, que priorizem a venda dos Estoques, aumentando assim as Disponibilidades. Outra estratégia relevante é atentar para as divergências na datas de recebimento e pagamento que tendem a acentuar-se quando analisamos períodos longos (posição a ser estudada nos Índices de Atividade), além do que, como os demais indicadores, a LG não deve ser vista isoladamente. Os indicadores devem associar-se entre si.

Já avaliamos a Capacidade de Pagamento a Curto e a Longo Prazos, passaremos agora a avaliá-la em Prazo Imediato. É utilizando a **Liquidez Imediata**, na qual usaremos somente o Disponível (Caixa, Bancos...) em face às obrigações a pagar imediatamente, que também constatamos, com maior clareza através da tabela abaixo, baixos índices nesse indicador, todavia nem sempre se tem a pretensão de obter índices altos já que Caixa e Bancos, em épocas inflacionárias, perdem seu poder aquisitivo.

Liquidez Imediata	2001	2002
LI = Disp./PC	<u>271.957,21</u>	<u>338.628,30</u>
	791.918,88	1.141.904,79
	0,34	0,30

Mesmo com indicadores inferiores a unidade mínima, acréscimo considerável de Capital Alheio, elevados valores concentrados no Estoque e aparente dificuldade financeira,

se nos reportarmos para a análise isolada dos Índices de Liquidez, sem dúvida teremos dificuldades em definir qualquer Situação Financeira, contudo, na avaliação em conjunto, será mais fácil perceber se realmente há presença de dificuldades de ordem econômica e financeira na empresa. Passaremos a outros indicadores.



II- AVALIAÇÃO DO EMPREENDIMENTO À LUZ DOS INDICADORES DE ATIVIDADES

Os Indicadores de Atividade apresentaram dados satisfatórios nos dois últimos períodos estudados. A Empresa, sem dúvida, vem apresentando estratégias adequadas no que se refere aos **Prazos Médios de Recebimento das Vendas, Pagamento das Compras e Renovação de Estoque.**

Para a **BRILASA S/A**, o aumento no número de vezes em que o estoque foi renovado (**PMRE**), de 3,57 em 2001 para 4,24 em 2002, é resultado do aumento nas vendas (situação enfatizada no estudo da Rentabilidade Econômica), aliás, o bom desempenho desse indicador deve-se principalmente a esse fato. Dessa forma, obteve-se redução de, em média, 15 dias no tempo de espera para o recebimento das vendas (**PMRV**), assim, o que se nota é que se vem trabalhando na busca de melhorar esse índice.

Por outro lado, mesmo comprando mais, verificou-se acréscimo de mais ou menos 10 dias no prazo de pagamento dos fornecedores (**PMPC**). De igual maneira, devem continuar agindo os Gestores, buscando seguir a seguinte ordem: vendas, recebimentos para

depois liquidar as compras junto a seus fornecedores. Abaixo estão expostos os indicadores de atividade da Brilasa S/A:

	2001	2002
Rotação de Estoque		
CPV/Est.Médio = ...Vezes	<u>4.633.983,31</u>	<u>5.504.238,40</u>
	1.297.189,27	1.297.189,27
	3,57	4,24

	2001	2002
Estoque Médio		
EI+EF/2	<u>2.594.378,53</u>	<u>1.297.189,27</u>
	2	

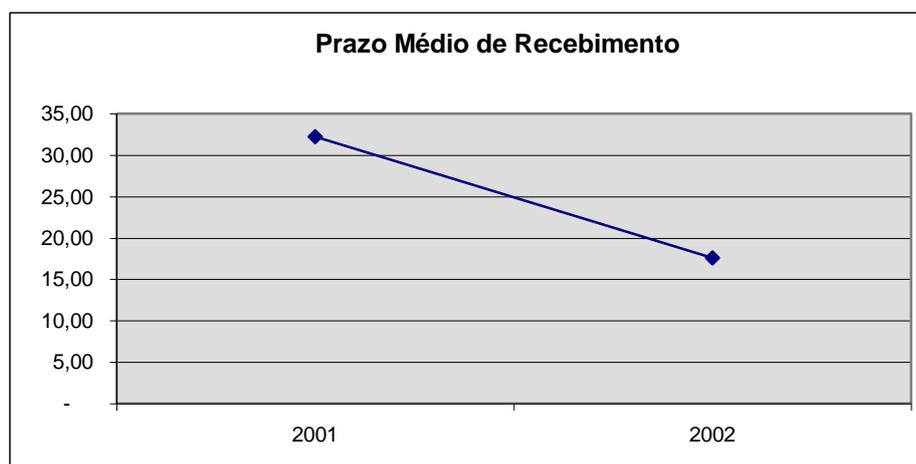
	2001	2002
Prazo Médio de Recebimento		
Dup. a Rec.*360/V.L = ...Dias	<u>511.844,69</u>	<u>358.303,30</u>
	5.717.885,44	7.341.809,87
	32,23	17,57

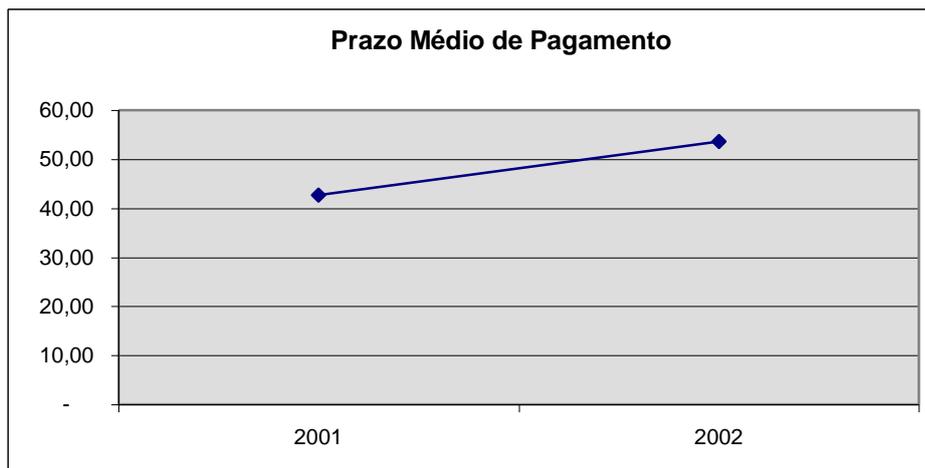
	2001	2002
Prazo Médio de Pagamento		
Forn.*360/Compras = ...Dias	<u>578.217,34</u>	<u>855.057,12</u>
	4.870.074,36	5.740.329,45
	42,74	53,62

	2001	2002
Compras		
CMV = EI+C-EF	<u>4.870.074,36</u>	<u>5.740.329,45</u>
C=CMV-EI+EF		

	2001	2002
Posicionamento Relativo		
PMR/PMP	<u>32,23</u>	<u>17,57</u>
	42,74	53,62
	0,75	0,33

O ideal seria que se atingisse uma posição em que a soma do **Prazo Médio de Renovação de Estoque** com o **Prazo Médio de Recebimento das Vendas** fosse igual ou inferior ao **Prazo Médio de Pagamento das Compras**, assim:





ANO I

$$\frac{\text{PMRE} + \text{PMRV}}{\text{PMPC}} = \frac{85 + 17}{54} = \frac{102}{54} = 1,9$$

ANO II

$$\frac{\text{PMRE} + \text{PMRV}}{\text{PMPC}} = \frac{101 + 32}{43} = \frac{133}{43} = 3,1$$

III- ANÁLISE DO NÍVEL DE ENDIVIDAMENTO

Neste estágio de exposição, é de suma importância que, além dos indicadores já calculados, se dê ênfase para os **Índices de Endividamento** que informam se a empresa se utiliza mais de Recursos de Terceiros ou de Recursos Próprios para o seu desempenho operacional. Saberemos aqui se a **BRILASA S/A** vem financiando o seu Ativo com Recursos Próprios ou de Terceiros e em que proporção.

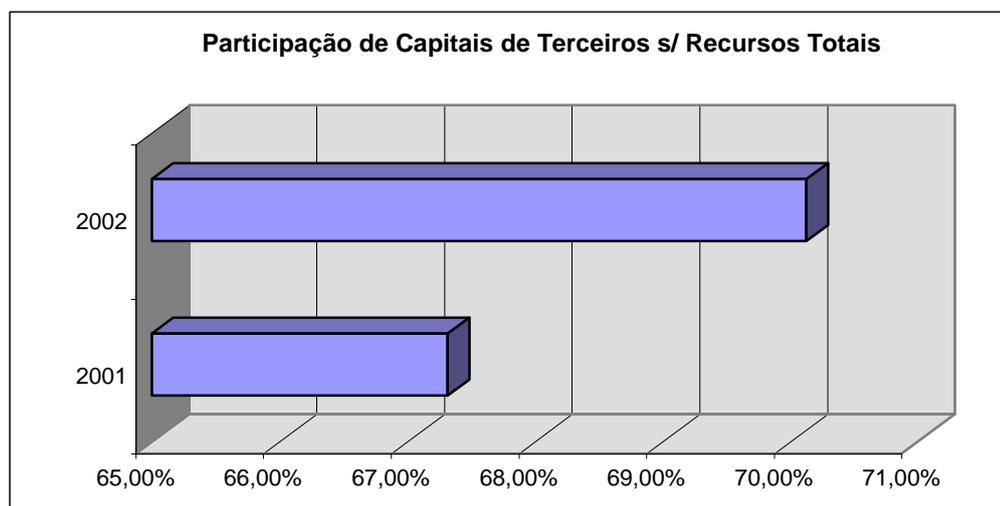
Passaremos, a seguir, aos dados matemáticos:

Composição de Endividamento	2001	2002
PC/PC+PELP*100	791.918,88	1.141.904,79
	14.987.918,36	17.393.797,03
	5,28	6,57

Part. K de Terceiros s/ Rec. Totais	2001	2002
PC+PELP/Rec. Totais*100	14.987.918,36	17.393.797,03
	22.262.253,71	24.802.200,60
	67,32	70,13

Garant. de K Próprios s/ K de Terceiro	2001	2002
PL/PC+PELP*100	7.274.335,35	7.408.403,57
	14.987.918,36	17.393.797,03
	48,53	42,59

Na **Composição de Endividamento**, observa-se que a Empresa vem operando com dividas a Longo Prazo, a que favorece sua Liquidez Corrente (Situação Financeira), ou seja, mais de 90% dos Capitais de Terceiros vencerão a Longo Prazo. Pode, também, essa posição ser vista de outra maneira: em 2001 5,28% e 6,57% em 2002 (somente) das dividas vencerão a Curto Prazo. A maior parte das dividas se concentram, como vimos, a Longo Prazo, situação bastante favorável, pois num momento de retração a Empresa tem mais tempo de replanejar suas finanças sem necessidade de, por exemplo, desfazer-se de seu Estoque a qualquer preço.



Igual tratamento não se pode apreciar na **Participação de Capital de Terceiros**. Mais da metade dos Recursos Totais originam-se de Capitais Alheios, ou seja, a Empresa opera praticamente com Capitais de Terceiros. Esse quadro sofreu acréscimo de 2001 para 2002 chegando a 70% de Recursos de Terceiros sobre os Recursos Totais, situação desfavorável mesmo que as dividas vincendas sejam a Longo Prazo.

Deve-se tomar muito cuidado com esse quociente, pois participações exageradas de Capitais Alheios em relação ao Capital Próprio desequilibram financeiramente e tornam a Empresa vulnerável a qualquer intempérie.

Uma saída provável para essa situação seria aplicar esses recursos no Ativo, pois aplicações produtivas deverão gerar Receita para saldar o compromisso assumido, o que não pode acontecer é contrair dívidas para pagar outras dívidas, assim, não gerando recursos para saldar os empréstimos, poderá a Empresa ser séria candidata à insolvência.

Também, na Garantia de Capital Próprio ao Capital de Terceiros a situação apresenta-se pouco estável, pois o que se observa é que os Recursos de Terceiros cresceram em proporção maior que os Recursos Próprios, assim, vendendo menos a **BRILASA S/A** terá dificuldades em honrar seus compromissos, prejudicando sua liquidez, favorecendo, por outro lado, o Desequilíbrio Financeiro.

IV- ESTUDO DA RENTABILIDADE E VIABILIDADE ECONÔMICA DO NEGÓCIO

Tratamos, até agora, dos aspectos financeiros na análise empresarial, passaremos, então, para os aspectos econômicos vistos, com maior clareza, através dos Índices de Rentabilidade e Viabilidade Econômica.

Sem dúvida, a Rentabilidade do primeiro período foi desfavorável. O **Lucro Líquido** apresentou base negativa (prejuízo), tendo as Receitas sido superadas pelas Despesas, daí a inobservância de valores satisfatórios nas **Taxas de Retorno sobre Investimento** (do ponto de vista da Empresa) e **Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido** (do ponto de vista dos Proprietários) em 2001. Isso significa que a Empresa (e os Proprietários) perderam poder de ganho nesse período, pois para cada R\$ 1,00 investido na Empresa houve perdas 1,96 e 6,33, respectivamente.

Há de se considerar que situação inversa apresentou se observou em 2002 nas taxas acima citadas, com retornos significativos no poder de ganho por real investido. Assim, partiu-se de uma base negativa de quase 2% em 2001 (TRI) para uma base positiva em 2002, capaz de gerar bons resultados se continuar seguindo esse padrão em outros períodos.

	2001	2002
Retorno s/ Investimentos		
L.L/V.L*V.L/AT.Médio*100	<u>(460.430,19)</u>	<u>234.206,64</u>
	23.532.227,16	23.532.227,16
	(1,96)	1,00

	2001	2002
Rentabilidade		
M*R	(8,05)	3,19
	0,24	0,31
	(1,93)	0,99

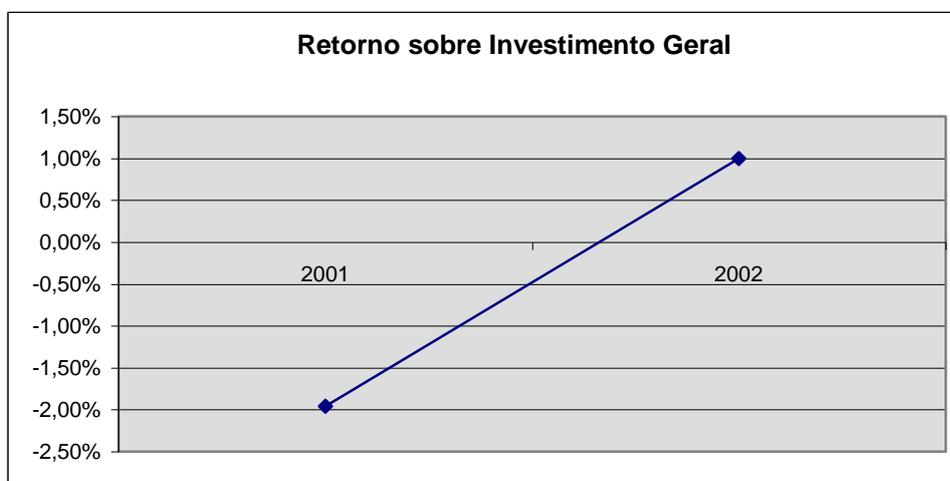
	2001	2002
Margem		
L.L/V.L*100	<u>(460.430,19)</u>	<u>234.206,64</u>
	5.717.885,44	7.341.809,87
	(8,05)	3,19

	2001	2002
Giro do Ativo		
V.L/AT.Médio=...Vezez	<u>5.717.885,44</u>	<u>7.341.809,87</u>
	23.532.227,16	23.532.227,16
	0,24	0,31

	2001	2002
Ativo Médio		
AT.Final+AT.Inicial/2	<u>47.064.454,31</u>	<u>23.532.227,16</u>
	2	

	2001	2002
Taxa de Rec. de Terceiros		
Juros/CA*100	59.365,89	68.450,06
obs	14.987.918,36	17.393.797,03
	0,40	0,39

	2001	2002
Taxa de Retorno s/ PL		
L.L/CP*100	<u>(460.430,19)</u>	<u>234.206,64</u>
	7.274.335,35	7.408.403,57
	(6,33)	3,16



A Taxa de Retorno sobre o PL observada em 2002 sofreu igual desempenho, tendo um poder de ganho de 3,16 (partindo de igual base negativa verificada n TRI) para cada R\$ 1,00 investido, tendo como principal responsável por esse acréscimo, as Receitas obtidas através das vendas.

Já ficou clara a presença de boa Situação Econômico-financeiro desempenhada pela **BRILASA S/A**, ate o momento, nesse indicador, por isso igual tratamento recebeu a **Margem do Lucro sobre as Vendas** que em 2001 não apresentou receita e sim prejuízo, sobretudo porque as Despesas os Custos cresceram em proporção maior que as Vendas. Assim, para cada R\$ 1,00 vendido sobram para a Empresa 3,19 de lucro em 2002.

Podemos dizer que, considerando os dois períodos, fica fácil identificar que a **Rentabilidade** vem caminhando para um equilíbrio econômico-financeiro, o que é explicado, principalmente pela Margem de Lucro de 3,19 em 2002. No entanto, o que preocupa os Proprietários é, sem duvida o **Giro do Ativo** que apresentou resultado inferior a 1, ou seja, a Empresa não vendeu o equivalente a boa movimentação do seu Ativo.

Quanto maior for o **Giro do Ativo** pelas vendas, maior devera ser a taxa de lucro, por isso o ideal seria que os Proprietários que priorizem a venda dos Estoques, de modo que os investimentos realizados no ativo venham a gerar Receita e, por conseguinte, Lucro.

Em síntese a **Rentabilidade** sofreu acréscimo significativo, analisando os dois períodos, partindo de prejuízo operacional para uma margem de lucro relativamente boa, fato observado pelo aumento das Vendas Líquidas, política de redução de Custos e Despesas. Ate mesmo as Despesas Financeiras (juros) mantiveram-se estáveis (0,39%) apesar do crescente percentual de Capital Alheio aplicado na Empresa , aplicados em proporção maior no Ativo Permanente e menor no Ativo Circulante, apresentando **Rentabilidade maior na Margem do que no Giro**.

V- ESTUDO DO FATOR DE INSOLVÊNCIA

- Como Prever Falência

O modelo de como prever falências foi desenvolvido no Brasil pelo professor Stephen C. Kanitz, o qual utiliza, em primeiro lugar, a formula do fator de insolvência:

ANO I

$$X1 = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 0,05 = \frac{0,06}{0,06} \times 0,05 = 0,01$$

$$X2 = \text{Liquidez Geral} \times 1,65 = 0,15 \times 1,65 = 0,25$$

$$X3 = \text{Liquidez Seca} \times 3,55 = 1,13 \times 3,55 = 4,01$$

$$X4 = \text{Liquidez Corrente} \times 1,06 = 2,62 \times 1,06 = 2,78$$

$$X5 = \frac{\text{Exigível Total}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 0,33 = \frac{2,06}{0,06} \times 0,33 = 0,68$$

$$\text{Fator de Insolvência} = X1 + X2 + X3 - X4 - X5 = 0,79$$

ANO II

$$X1 = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 0,05 = \frac{0,03}{0,06} \times 0,05 = 0,01$$

$$X2 = \text{Liquidez Geral} \times 1,65 = 0,15 \times 1,65 = 0,25$$

$$X3 = \text{Liquidez Seca} \times 3,55 = 0,82 \times 3,55 = 2,91$$

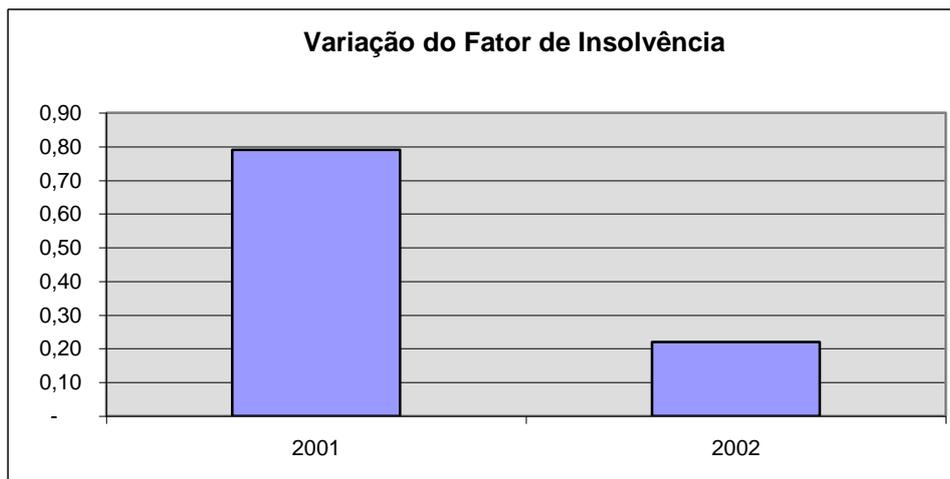
$$X4 = \text{Liquidez Corrente} \times 1,06 = 2,06 \times 1,06 = 2,18$$

$$X5 = \frac{\text{Exigível Total}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 0,33 = \frac{2,35}{0,06} \times 0,33 = 0,77$$

$$\text{Fator de Insolvência} = X1 + X2 + X3 - X4 - X5 = 0,22$$

Através da fórmula do Fator de Insolvência, ficou ainda mais claro que a análise em conjunto favorece para que no decorrer dos cálculos dos indicadores econômicos e financeiros, tem-se uma base da noção dos riscos que a empresa analisada vem apresentando no período. Assim, foi fácil perceber que os resultados dos elementos estudados anteriormente influenciaram os resultados de previsão de falência obtidos.

A Brilasa S/A, mesmo com valores em 2001 e 2002 localizados no intervalo de Solvência, não tem a pretensão de afirmar que a situação é bastante favorável. Sem dúvida, há falhas na Administração dos Negócios, mesmo com relativa queda no Fator demonstrado no último período.



VI- ESTUDO RELACIONANDO OS INDICADORES ESTÁTICOS, DINÂMICOS E DE VELOCIDADE

Toda entidade ao iniciar suas atividades necessita aplicar parte de seu Patrimônio em bens de uso, tais como móveis, máquinas prédios etc. quando se trata de uma Empresa (entidades com fins lucrativos), ela necessita também aplicar parte de seu Capital na aquisição de mercadorias ou matérias-primas para desenvolver suas atividades Mercantis, Industriais e ou de Serviços, bem como de dinheiro disponível para atender as Despesas e a outros compromissos imediatos.

A Aplicação do Capital, distribuído pelos diversos componentes do Ativo, deve obedecer a determinada proporcionalidade, sem a qual não se pode manter o Equilíbrio Econômico e Financeiro do Patrimônio (Capitais Próprios e Capitais de Terceiros, grupos que compreendem a Aplicação dos Capitais).

A Dinâmica Patrimonial é demonstrada principalmente pela Demonstração do Resultado Exercício, que indica as variações positivas e negativas do Patrimônio, pondo em evidência o Lucro ou o Prejuízo do exercício.

Os Indicadores Estáticos e Patrimoniais da **BRILASA S/A** estão evidenciados da seguinte forma:

A parcela do Capital de Terceiros encontra-se em maior proporção que o Capital Próprio empregado.

- 2001: 67,32%
- 2002: 70,13%
-

As Aplicações estão concentradas em sua maioria no Ativo Permanente, fator desfavorável para a Estática Empresarial, prejudicando a Rotação do Ativo.

	2001	2002
Ativo Circulante	9,33%	9,49%
Ativo Permanente	89,82%	89,75%

As Origens dos Recursos estão destacadas, em sua maioria, nas Obrigações a Longo Prazo. Destacando-se positivamente, pois haverá mais tempo para gerar capital para saldar estas dividas.

	2001	2002
Passivo Circulante	3,56%	4,60%
Passivo Ex. Longo Prazo	63,77%	65,53%

A Dinâmica Patrimonial da Industria em questão fica evidenciada principalmente pelo Prejuízo obtido no primeiro período analisado, que foi de R\$ 460.430,18 (-8,05%), e pelo Lucro de R\$ 234.206,64 (3,19%) obtido no período seguinte ocasionado, principalmente, pelo aumento das Receitas Líquidas de Vendas, que em 2001 foi de R\$ 5.517.885,44 e em 2002 foi de R\$ 7.341.809,87. No entanto o Lucro obtido foi capaz apenas de compensar o Prejuízo obtido no período anterior.

VII- ANÁLISE DO DESEQUILÍBRIO ECONÔMICO-FINANCEIRO (OVERTRADING)

Overtrading nada mais é que a presença de Desequilíbrio Econômico-financeiro, levando a empresa à Concordata e, por fim à Falência se não forem tomadas medidas no sentido de sanar as dividas para com terceiros.

Na empresa analisada foram observados diversos sintomas, a saber:

- 1- Relevante queda dos **Índices de Liquidez** e conseqüente redução na capacidade da empresa em saldar suas dividas. Tal fato deve-se: ao crescimento do PC

em proporção maior que o AC e predominância de Capitais Alheios em detrimento do PL;

2- AC constituído basicamente de Estoques, ou seja, se diminuïrem as vendas não haverá Recursos Disponíveis para liquida-las junto aos Fornecedores;

3- Crescente investimento no AP em detrimento do AC, tornando mais lenta a conversão daquele em dinheiro favorecendo para o Desequilíbrio Financeiro;

4- A **BRILASA S/A** opera com baixo nível de Capital de Giro Próprio, ou seja, com 70% de Recursos de Terceiros movimentando o AC, situação favorável para o **Overtrading**;

5- Por outro lado o volume dos Estoques esta crescendo em ritmo maior que o volume das vendas, indica fator de desequilíbrio;

6- A empresa tem forte tendência ao **Overtrading** no que diz respeito a presença, em grande parte de Capitais de Terceiros , ou seja, o Capital Próprio investido nas vendas é muito reduzido;

Conseqüências:

Se os acionistas não trabalharem na tentativa de sair dessa zona de perigo que é o **Overtrading** cada vez mais vão sentir dificuldade para saldar as obrigações, passando a ser forte candidata a esse desequilíbrio, pois trabalha somente para pagar os compromissos já assumidos, sem apresentar boa lucratividade no final do exercício.

VIII – ANÁLISE DA POSIÇÃO DA EMPRESA NO EBITDA

De nada vale a análise dos Elementos Patrimoniais e de Resultado se não avaliarmos até que ponto estes influenciam no Lucro da Empresa. Não Lucro Bruto com todos os seu elementos depreciativos, do qual fazem parte os Juros (Despesas Financeiras), os Impostos sobre o Lucro (Despesas Tributárias), Depreciações, Amortizações e Exaustão, e sim aquele ajustado de modo a eliminar todos os valores que não concorrem diretamente ao Desempenho Operacional da Empresa.

O EBITDA consiste em mostrar a capacidade da Empresa em gerar caixa, excluindo dessa forma os elementos acima citados por entender que estes não fazem parte da Atividade Operacional da Empresa.

Cálculo do EBITDA	Ano I	Ano II
Receita Bruta das Vendas	6.579.193,12	8.505.835,77
(-) Deduções das Vendas	861.307,68	1.164.025,90
= Receita Líquida	5.717.885,44	7.341.809,87
(-) CPV	4.633.983,31	5.504.238,40
= Lucro Bruto	1.083.902,13	1.837.571,47
(-) Despesas Administrativas	910.877,10	934.262,18
(-) Despesas com Vendas	176.062,58	207.395,93
= EBITDA	(3.037,55)	695.913,36

Partindo agora para uma breve análise da posição da BRILASA S.A no cálculo do EBITDA é de fácil percepção que os Indicadores Financeiros e Econômicos já analisados estão de certa forma aqui representados. A presença de quocientes negativos na Análise Econômico-financeira refletiu, sobre o resultado obtido em 2001. De igual forma os aspectos positivos interferiram no resultado de 2002.

IX- ASPECTOS POSITIVOS DAS ESTRATÉGIAS DE GESTÃO ADOTADAS PELOS EMPRESÁRIOS

– Mesmo que a Liquidez Seca tenha sofrido redução, ainda poder ser considerada boa, pois, relacionando-a com o Prazo Médio de Recebimento de Estoques, verificou-se que o Estoque foi vendido em maior escala em 2002.

– A Garantia de Capital Alheio é praticamente igual, chegando a quase 50%. A empresa no seu desempenho operacional, quanto à atividade, vem obtendo bons resultados, com boa Rotatividade de Estoque, além do que, primeiro recebe as vendas para depois liquidá-las junto a Fornecedores.

– A Brilasa S/A opera praticamente com dívidas a L/ Prazo, ou seja, na ocorrência de qualquer imprevisto, dispõe de tempo para saldar seus compromissos, não se desfazendo dos Estoques a qualquer preço.

– Um ponto positivo no aspecto econômico foi o aumento no poder de ganho da empresa, visto através da Rentabilidade, que em 2001 apresentou resultados negativos recuperados em 2002.

X- ASPECTOS NEGATIVOS VERIFICADOS NA ADMINISTRAÇÃO DO NEGÓCIO

– Houve queda nos índices de liquidez devido à predominância de Capital Alheio sobre Capital Próprio, deixando a empresa com dificuldades para saldar seus compromissos.

– O Ativo Circulante está composto em grande parte por Estoques e, com uma eventual queda das vendas, a empresa terá poucas chances de honrar suas dívidas imediatas.

– Os índices de liquidez inferiores a 1 unidade são considerados deficientes para uma indústria, visto que realizam vendas a prazo e operam com produtos.

– Há predominância de percentual de Capital de Terceiros superior ao Capital Próprio, chegando a 70% de dependência da empresa àquele Capital.

– O Giro do Ativo encontra-se bastante debilitado, sendo necessário que se realize políticas de incentivo às vendas e contenção de custos e despesas desnecessárias.

XI- SUGESTÕES AOS EMPRESÁRIOS

- O ideal seria que os proprietários adotassem estratégias de gestão que priorizassem a venda dos estoques, aumentando o Ativo Circulante em relação ao Passivo Circulante.

- Investir na Rotação do Estoque, sem a necessidade de obter altos financiamentos e, conseqüentemente, menor dependência de Capital alheio.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

FRANCO, Hilário. **Estrutura, interpretação e análise de balanços.** ed, 15. São Paulo: Atlas, 1992.

MARION, José Carlos. **Contabilidade empresarial.** ed. 8. São Paulo: Atlas, 1998.

ANEXOS

BALANÇO PATRIMONIAL

ATIVO	2001	AV	2002	Av	AH	Nº Indic.
Ativo Circulante	2.077.917,43	9,33%	2.353.031,21	9,49%	113,24%	101,64%
Disponível	271.957,21	1,22%	338.628,30	1,37%	124,52%	111,76%
Caixa	198.491,64	0,89%	193.164,70	0,78%	97,32%	87,35%
Bcs.c/ Movimento	73.465,57	0,33%	145.463,60	0,59%	198,00%	177,73%
Real. a Curto Prazo	1.805.960,22	8,11%	2.014.402,91	8,12%	111,54%	100,12%
Clientes	511.844,69	2,30%	358.303,30	1,44%	70,00%	62,83%
Estoques	1.179.143,74	5,30%	1.415.234,79	5,71%	120,02%	107,73%
Valores Mobiliários		0,00%	55.770,00	0,22%	#DIV/0!	#DIV/0!
Antecipações	39.134,90	0,18%	57.452,16	0,23%	146,81%	131,77%
Imp. a Recuperar	59.553,17	0,27%	63.129,56	0,25%	106,01%	95,15%
Adiant. a Fonecedores	16.283,72	0,07%	64.513,10	0,26%	396,18%	355,61%
Real. a Longo Prazo	188.494,02	0,85%	188.494,02	0,76%	100,00%	89,76%
Emp. Comp./ Consorcio	188.494,02	0,85%	188.494,02	0,76%	100,00%	89,76%
Ativo Permanente	19.995.842,26	89,82%	22.260.675,37	89,75%	111,33%	99,93%
Investimentos	16.268,74	0,07%	16.268,74	0,07%	100,00%	89,76%
Aplic. em Outras Cias	13.211,44	0,06%	13.211,44	0,05%	100,00%	89,76%
Corr. Monet. IPC/90	3.057,30	0,01%	3.057,30	0,01%	100,00%	89,76%
Imobilizado	11.089.020,74	49,81%	11.297.961,09	45,55%	101,88%	91,45%
Máq. e Acessórios	3.475.461,38	15,61%	3.597.756,79	14,51%	103,52%	92,92%
Veículos	779.704,98	3,50%	814.896,95	3,29%	104,51%	93,81%
Móv. e Ut./Mic. Comp.	183.601,69	0,82%	202.579,93	0,82%	110,34%	99,04%
Ferramentas	20.431,40	0,09%	20.431,40	0,08%	100,00%	89,76%
Instalações Elétricas	458.833,42	2,06%	458.833,42	1,85%	100,00%	89,76%
Terrenos	44.875,71	0,20%	44.875,71	0,18%	100,00%	89,76%
Prédios	483.320,85	2,17%	483.320,85	1,95%	100,00%	89,76%
Obras em And.	1.663.017,54	7,47%	1.666.686,31	6,72%	100,22%	89,96%
Reav. do Ativo	5.872.816,33	26,38%	5.872.816,33	23,68%	100,00%	89,76%
(-) Deprec. Acum.	(4.022.436,08)	-18,07%	(4.022.436,08)	-16,22%	100,00%	89,76%
Corr. Monet. IPC/90	2.078.881,48	9,34%	2.078.881,48	8,38%	100,00%	89,76%
Leasing/Veículos	50.512,04	0,23%	79.318,00	0,32%	157,03%	140,95%
Diferido	8.890.552,78	39,94%	10.946.445,54	44,13%	123,12%	110,52%
Desp. Pre-operac.	593.573,51	2,67%	593.573,51	2,39%	100,00%	89,76%
Var. Monet. - Deb	8.493.646,01	38,15%	10.549.538,77	42,53%	124,21%	111,49%
(-) Amort. Acum.	(412.860,99)	-1,85%	(412.860,99)	-1,66%	100,00%	89,76%
Corr. Monet. IPC/90	216.194,25	0,97%	216.194,25	0,87%	100,00%	89,76%
Total do Ativo	22.262.253,71	100,00%	24.802.200,60	100,00%	111,41%	100,00%

PASSIVO	2001	AV	2002	AV	AH	Nº Indic.
Passivo Circulante	791.918,88	3,56%	1.141.904,79	4,60%	144,19%	129,43%
Fornecedores	578.217,34	2,60%	855.057,12	3,45%	147,88%	132,73%
Contrib. Soc. a Rec.	36.917,31	0,17%	44.308,47	0,18%	120,02%	107,73%
Imposto a Recuperar	59.818,22	0,27%	69.337,69	0,28%	115,91%	104,04%
Contas a Pagar	2.378,68	0,01%	19.229,75	0,08%	808,42%	725,63%
Prov. P/ I.R./C Soc	55.672,67	0,25%	84.816,32	0,34%	152,35%	136,75%
Dividendos Obrigatórios	58.914,66	0,26%	69.155,44	0,28%	117,38%	105,36%
Passivo Ex. a L/Prazo	14.195.999,48	63,77%	16.251.892,24	65,53%	114,48%	102,76%
Debêntures/Finan.	14.195.999,48	63,77%	16.251.892,24	65,53%	114,48%	102,76%
Patrimônio Líquido	7.274.335,35	32,68%	7.408.403,57	29,87%	101,84%	91,41%
Capital Social	5.661.902,00	25,43%	5.661.902,00	22,83%	100,00%	89,76%
Reserva de Capital	1.380.434,69	6,20%	1.507.430,81	6,08%	109,20%	98,02%
Res. p/ aum. de Cap.	1.380.434,69	6,20%	1.507.430,81	6,08%	109,20%	98,02%
Reserva de Lucros	217.040,43	0,97%	114.437,48	0,46%	52,73%	47,33%
Reserva Legal	14.595,22	0,07%	23.497,60	0,09%	161,00%	144,51%
Res. p/ aum. de Cap.	202.445,21	0,91%	90.939,88	0,37%	44,92%	40,32%
Outras Contas	14.958,23	0,07%	124.633,28	0,50%	833,21%	747,88%
Saldo a Disp. da AGO	14.958,23	0,07%	124.633,28	0,50%	833,21%	747,88%
Total do Passivo	22.262.253,71	100,00%	24.802.200,60	100,00%	111,41%	100,00%

Demonstração do Resultado do exercício em 31/12/2002

Discriminação	2001	AV	2002	AV	AH	Nº ÍNDICES
Rec. Bruta das Vendas	6.579.193,12	115,06%	8.505.835,77	115,85%	129,28%	100,69%
Vendas de N/Prod.	2.494.102,11	43,62%	2.421.653,50	32,98%	97,10%	75,62%
Revenda de Merc.	2.650.616,82	46,36%	4.613.391,90	62,84%	174,05%	135,55%
Vendas de Serviços	1.434.474,19	25,09%	1.470.790,37	20,03%	102,53%	79,85%
Deduções das Vendas	861.307,68	15,06%	1.164.025,90	15,85%	135,15%	105,25%
Icms/Pis/Cofins/Iss/De	861.307,68	15,06%	1.164.025,90	15,85%	135,15%	105,25%
Rec.Liq. Das Vendas	5.717.885,44	100,00%	7.341.809,87	100,00%	128,40%	100,00%
Custo Prod. Vend.	4.633.983,31	81,04%	5.504.238,40	74,97%	118,78%	92,51%
Cust.de Merc. N/Prod	1.262.624,07	22,08%	1.436.173,77	19,56%	113,75%	88,59%
Custos c/ Revenda	2.533.431,10	44,31%	3.230.482,17	44,00%	127,51%	99,31%
Cust.c/ Prod. + Enc.	837.928,14	14,65%	837.582,46	11,41%	99,96%	77,85%
Luc. Bruto Operacional	1.083.902,13	18,96%	1.837.571,47	25,03%	169,53%	132,03%
Despesas Gerais	1.544.332,32	27,01%	1.603.364,83	21,84%	103,82%	80,86%
Desp. Adm. + Enc.	910.877,10	15,93%	934.262,18	12,73%	102,57%	79,88%
Desp. Tributárias	398.026,75	6,96%	393.256,66	5,36%	98,80%	76,95%
Desp. Financeiras	59.365,89	1,04%	68.450,06	0,93%	115,30%	89,80%
Desp.c/ Vendas	176.062,58	3,08%	207.395,93	2,82%	117,80%	91,74%
Luc. Operac. Líquido	(460.430,19)	-8,05%	234.206,64	3,19%	-50,87%	-39,62%
Receitas Financeiras	21.378,74	0,37%	16.017,67	0,22%	74,92%	58,35%
Rec. Não Operacionais	608.350,00	10,64%	70.194,63	0,96%	11,54%	8,99%
Var. Monet. Passiva	(101.837,38)	-1,78%	(100.042,12)	-1,36%	98,24%	76,51%
Var. Monet. Ativa	9.580,40	0,17%	42.487,04	0,58%	443,48%	345,39%
Res.do Ex. Antes Prov.	77.041,57	1,35%	262.863,86	3,58%	341,20%	265,73%
Prov.p/ I.R e C.Social	55.672,67	0,97%	84.816,32	1,16%	152,35%	118,65%
Res.do Ex. Após Prov.	21.368,90	0,37%	178.047,54	2,43%	833,21%	648,91%
Lucro/Prejuízo por Ação	0,00	0,00%	0,00	0,00%	#DIV/0!	#DIV/0!
Dest.do Resultado	21.368,90	0,37%	178.047,54	2,43%	833,21%	648,91%
Reserva Legal	1.068,45	0,02%	8.902,38	0,12%	833,21%	648,91%
Dividendos Obrig.	5.342,22	0,09%	44.511,88	0,61%	833,21%	648,91%
Saldo a Disp.da AGO	14.958,23	0,26%	124.633,28	1,70%	833,21%	648,91%

Liquidez Corrente	2001	2002
LC = AC/PC	<u>2.077.917,43</u>	<u>2.353.031,21</u>
	791.918,88	1.141.904,79
	2,62	2,06

Liquidez Seca	2001	2002
LS = AC-Est./PC	<u>898.773,69</u>	<u>937.796,42</u>
	791.918,88	1.141.904,79
	1,13	0,82

Liquidez Geral	2001	2002
LG = AC+ARLP/PC+PELP	<u>2.266.411,45</u>	<u>2.541.525,23</u>
	14.987.918,36	17.393.797,03
	0,15	0,15

Liquidez Imediata	2001	2002
LI = Disp./PC	<u>271.957,21</u>	<u>338.628,30</u>
	791.918,88	1.141.904,79
	0,34	0,30

Rotação de Estoque	2001	2002
CPV/Est.Médio = ...Vezes	<u>4.633.983,31</u>	<u>5.504.238,40</u>
	1.297.189,27	1.297.189,27
	3,57	4,24

Estoque Médio		
EI+EF/2	<u>2.594.378,53</u>	1.297.189,27
	2	

Prazo Médio de Recebimento	2001	2002
Dup. a Rec.*360/V.L = ...Dias	<u>511.844,69</u>	<u>358.303,30</u>
	5.717.885,44	7.341.809,87
	32,23	17,57

Prazo Médio de Pagamento	2001	2002
Forn.*360/Compras = ...Dias	<u>578.217,34</u>	<u>855.057,12</u>
	4.870.074,36	5.740.329,45
	42,74	53,62

Compras	2001	2002
CMV = EI+C-EF	4.870.074,36	5.740.329,45
C=CMV-EI+EF		

Posicionamento Relativo	2001	2002
PMR/PMP	<u>32,23</u>	<u>17,57</u>
	42,74	53,62
	0,75	0,33

Composição de Endividamento	2001	2002
PC/PC+PELP*100	791.918,88	1.141.904,79
	14.987.918,36	17.393.797,03
	5,28	6,57
Part. K de Terceiros s/ Rec. Totais	2001	2002
PC+PELP/Rec. Totais*100	14.987.918,36	17.393.797,03
	22.262.253,71	24.802.200,60
	67,32	70,13
Garant. de K Próprios s/ K de Terceiro	2001	2002
PL/PC+PELP*100	7.274.335,35	7.408.403,57
	14.987.918,36	17.393.797,03
	48,53	42,59
Retorno s/ Investimentos	2001	2002
L.L/V.L*V.L/AT.Médio*100	(460.430,19)	234.206,64
	23.532.227,16	23.532.227,16
	(1,96)	1,00
Rentabilidade	2001	2002
M*R	(8,05)	3,19
	0,24	0,31
	(1,93)	0,99
Margem	2001	2002
L.L/V.L*100	(460.430,19)	234.206,64
	5.717.885,44	7.341.809,87
	(8,05)	3,19
Giro do Ativo	2001	2002
V.L/AT.Médio=...Vezez	5.717.885,44	7.341.809,87
	23.532.227,16	23.532.227,16
	0,24	0,31
Ativo Médio		
AT.Final+AT.Inicial/2	<u>47.064.454,31</u>	23.532.227,16
	2	
Taxa de Rec. de Terceiros	2001	2002
Juros/CA*100	59.365,89	68.450,06
obs	14.987.918,36	17.393.797,03
	0,40	0,39
Taxa de Retorno s/ PL	2001	2002
L.L/CP*100	(460.430,19)	234.206,64
	7.274.335,35	7.408.403,57
	(6,33)	3,16

Cálculo do EBITDA

Ano I

Ano II

Receita Bruta das Vendas	6.579.193,12	8.505.835,77
(-) Deduções das Vendas	861.307,68	1.164.025,90
= Receita Líquida	5.717.885,44	7.341.809,87
(-) CPV	4.633.983,31	5.504.238,40
= Lucro Bruto	1.083.902,13	1.837.571,47
(-) Despesas Administrativas	910.877,10	934.262,18
(-) Despesas com Vendas	176.062,58	207.395,93
= EBITDA	(3.037,55)	695.913,36